

ELEIÇÕES / Especialistas avaliam os prós e contras de uma eventual união entre o ex-presidente Lula e o ex-governador Geraldo Alckmin para concorrer à Presidência da República no ano que vem

Aliança com perdas e ganhos

» CRISTIANE NOBERTO
» TAINÁ ANDRADE

Montagem/Divulgação CNA e PT



Alckmin avalia migrar do PSDB para PSB ou Solidariedade, com o objetivo de ser vice na chapa de Lula, que aprova a ideia



Lula, de seu lado, precisa de um nome para vice que diminua as resistências de alguns setores da sociedade em torno do PT. Alckmin, por sua vez, tenta encontrar um novo caminho a partir do processo de diminuição de seu protagonismo no PSDB pós-2018"

Matheus Albuquerque,
sócio da Dharma Politics

Diante das dificuldades e exigências do PSB, um novo partido entrou na disputa pela filiação de Alckmin. Sem querer ser um "peso", o tucano estuda um convite público feito pelo presidente do Solidariedade, Paulinho da Força (SP), em seu Twitter. "Convidei o Alckmin para se filiar ao Solidariedade, com o objetivo de ser candidato a vice do Lula. Se ele quiser, o nosso partido estará de portas abertas", escreveu.

Ainda que o assunto tenha sido tratado com sigilo, Lula afirmou a colegas sindicalistas, na última quarta-feira, em evento ligado ao Solidariedade, que sairá como candidato à presidência no ano que vem e deseja ter o ex-governador paulista como seu vice. E, portanto, pediu que contínuem com as articulações para que a chapa se concretize.

Nos bastidores, os comentários são de que as negociações entre os dois estão avançadas. O jantar de confraternização de fim de ano do grupo Prerrogativas, em que está prevista a reunião de 400 juristas e políticos de diferentes partidos, marcada para

o dia 19, será o possível palco de apresentação da dupla.

Estratégia

Na avaliação de André César, cientista político e sócio da Hold Assessoria, Alckmin virou um player. "Ele não tinha essa bola toda, não. Em pensar em 2018, os 4% do Alckmin foram um fracasso. Ele é importante na história do PSDB, relatou o Código de Defesa do Consumidor, enquanto parlamentar. Mas, agora, volta a ser uma figura importante, um player, e é um grande jogo do PT", afirma. "É uma jogada que também passa pelo Kassab, um cara importante no cenário político. Então, Alckmin virá para a disputa na função de amansar Lula e liberar o potencial radicalismo do petista. Entra com uma imagem apaziguadora, com boas chances dentro de um contexto em que pode haver junção entre Moro e Doria."

Já Matheus Albuquerque, sócio da Dharma Politics, aposta que a especulação de aliança entre Lula e Alckmin é um balão de ensaio. A expectativa em torno

dela, considera o especialista, é uma forma permitir que ambos os políticos possam aprimorar seus alcances eleitorais. "Lula, de seu lado, precisa de um nome para vice que diminua as resistências de alguns setores da sociedade em torno do PT. Alckmin, por sua vez, tenta encontrar um novo caminho a partir do processo de diminuição de seu protagonismo no PSDB pós-2018. De toda forma, a expectativa em torno dos possíveis ajustes é importante para entender o quanto Lula compreende suas próprias fragilidades e desafios em uma campanha polarizada e com potencial de tumulto."

Sérgio Praça, professor e pesquisador da Escola de Ciências Sociais do CPDOC (FGV-RJ), remonta a história entre Alckmin e Lula e lembra que eles nunca foram superinimigos, sempre tiveram uma relação respeitosa. "Alckmin só tem a ganhar nessa chapa, porque, embora possa concorrer ao governo de São Paulo no ano que vem, não seria nada novo para ele. Já a vice-presidência seria melhor ainda",

Entre colaboração e animosidade

Veja o histórico da relação entre Alckmin e Lula

» Lula e Alckmin tinham um relacionamento pacífico até antes das eleições de 2006. No primeiro mandato do petista, houve uma colaboração entre o governo paulista, liderado pelo tucano, e o Executivo federal para reforma e implantação de pontes de embarque e desembarque no aeroporto de Congonhas.

» Nas eleições de 2006, Lula e Alckmin eram rivais na disputa pela Presidência da República. Os dois chegaram ao segundo turno trocando farpas em debates televisivos.

» À frente do governo paulista e com a intenção de concorrer ao Planalto em 2018, Alckmin fazia coro aos discursos contra o PT e Lula por narrativas violentas e por uma campanha que polarizava o Brasil.

» Em 2018, Alckmin concorreu a presidente da República e amargou o posto de pior desempenho do PSDB em uma disputa para o cargo. Conseguiu menos de 5% dos votos. Lula estava fora da disputa — preso na Operação Lava-Jato.

» No ano passado, Alckmin voltou à carga contra o PT por causa do episódio em que petistas tentaram comprar dossiê com um suposto conjunto de denúncias contra o PSDB.

ressalta. "Para o Lula, seria muito bom ter um tucano histórico para sinalizar que ele não faria uma presidência radical, pois, no ano que vem, Moro, Bolsonaro e Doria vão com tudo para cima de Lula com um discurso acusador. A parceria entre o PT e a centro-direita democrática simboliza essa neutralidade, porque o Alckmin não está pessoalmente envolvido em esquemas de corrupção, embora o governo dele tenha tido alguns escândalos, mas nada a ponto de ser realmente prejudicial à chapa."

Bolsonaro volta a atacar passaporte da vacina

» LUANA PATRIOLINO

O presidente Jair Bolsonaro (PL) voltou a atacar a exigência do passaporte da vacina no país e, sem qualquer evidência científica, insinuou que os imunizantes contra a covid-19 podem causar efeitos colaterais graves, como trombose e embolia. A declaração foi dada à imprensa no Rio de Janeiro, ontem, durante evento de guardas-marinha.

"Um caso que está sendo estudado agora: o deputado (federal) Hélio Lopes, meu irmão, está baixado no hospital, com embolia. Parece ser efeito colateral da vacina. Vamos aguardar a conclusão", afirmou.

Sem provas, Bolsonaro também disse que a irmã de um médico conhecido teve trombose no pé após tomar um imunizante contra o novo coronavírus. "Tem acontecido efeito colateral. Vocês já leram a bula dessas vacinas? Na Pfizer está escrito: não nos responsabilizamos por efeitos colaterais", relatou o presidente.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), efeitos colaterais leves, como febre baixa ou dores musculares, são comuns após a vacina. Algumas pessoas, porém, podem experimentar efeitos adversos menos comuns e reações alérgicas graves, caso de

anafilaxia — que têm sido relatadas de forma extremamente rara. Segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), os eventos adversos mais comuns após a vacinação são dor no local da aplicação, fadiga, cefaleia (dor de cabeça), dor muscular, calafrios, dor nas articulações e febre.

Bolsonaro também acusou governadores de serem "autoritários" por conta das medidas sanitárias para o controle da disseminação da covid-19. "Ômicron já está no Brasil. É uma realidade. Não temos como você falar: vamos bloquear os voos de tal país para cá se não tiverem vacinados. Repito: vacinado contra o vírus? Vacinado transmite o vírus?", enfatizou. "No que depender de mim, tinha só o PCR. É mais efetivo do que a vacina. A vacina não impede que se contamine e se transmita o vírus."

Hidroxiquina

O chefe do Executivo voltou a defender o uso de medicamentos comprovadamente ineficazes contra a doença. "Eu tomei hidroxiquina e, se me contaminar de novo, tomo outra vez. Não só eu, milhares de pessoas fizeram a mesma coisa. Quem já tomou vacina pode se

Isac Nóbrega/PR



reinfetar? Pode. Respeito a autonomia do médico", disse.

O presidente também sustentou que nenhuma nação combateu a pandemia tão bem como o Brasil. O país acumula mais de 616 mil mortes desde o início da crise sanitária. Os diagnósticos positivos para a doença superaram os 22 milhões.

"Mente descaradamente quem fala que o governo não comprou vacina no ano passado. No ano passado, não tinha uma só dose à venda. A primeira dose foi aplicada em dezembro no Reino Unido", afirmou. "Quarenta, 50 dias depois, começamos a aplicar a primeira dose aqui. Quem comprou todas as vacinas

foi o governo federal. Ninguém no mundo fez um combate tão efetivo como nós."

O evento de que Bolsonaro participou foi uma cerimônia de Declaração de Guardas-Marinha e entrega de espadas da turma Capitão-de-Fragata Luis Barroso Pereira, uma formatura de aspirantes da Marinha.



Ômicron já está no Brasil. É uma realidade. Não temos como você falar: vamos bloquear os voos de tal país para cá se não tiverem vacinados"

Jair Bolsonaro,
presidente da República

Ele estava acompanhado do governador do Rio de Janeiro, Cláudio Castro, e dos ministros Walter Braga Netto (Defesa), Bento Albuquerque (Minas e Energia) e Luiz Eduardo Ramos (Secretaria-Geral da Presidência).

Leia mais sobre passaporte da vacina na página 6